



# Folhas Vivas

## BOLETIM INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO DE ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE VILA FRANCA DE XIRA

Ano XI, Nº 60 MARÇO 2019

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

### HISTORIAR II

Em 18 de Junho de 2009 o jornal O MIRANTE, publicou uma extensa reportagem sobre a nossa Universidade Sénior com o título **“Aprender informática e história no outono da vida”**, e subtítulo **“Universidade Sénior de Vila Franca de Xira fechou o ano com 275 alunos”**.

Aproveitando a festa de encerramento do ano letivo, que nesse ano contou com a presença da Presidente da autarquia, Maria da Luz Rosinha, que distribuiu diplomas aos alunos presentes. A Universidade sénior nesse ano estava a concluir o quinto ano letivo promovido pela DHSAS (Divisão de Habitação, Saúde e Ação Social) da Câmara Municipal. *“Tem como objetivo garantir a ocupação dos tempos livres da população sénior e reformada do concelho”*.

Nas palavras de Maria da Luz Rosinha, **“o balanço é muito positivo. Estamos a falar de um exercício que, para muitas pessoas, algumas com mais de 80 anos, nem todos os dias é felicidade”**. E acrescentou mais adiante a O MIRANTE - **“É também uma forma de se manterem ocupadas, vivas e com mais saúde”**.

Também presente na festa, o Presidente da Junta de Freguesia da Póvoa de Santa Iria, Jorge Ribeiro, afirmou que **a universidade** é já uma mais-valia para a cidade e defendeu que **“deve continuar”**.

Na assistência, pelas fotografias publicadas n`O MIRANTE, veem-se caras conhecidas de professores e alunos, hoje com mais dez anos nos rostos.

Maria Silveiredo aluna de informática, manifestava o seu contentamento por já conseguir imprimir textos e gráficos no computador. Maria Silveiredo foi uma, dos 275 alunos que terminaram nesse ano letivo e que contou com mais 70 novos alunos.

**“No tempo em que eu andava na escola era pobre e os meus pais não me davam dinheiro para estudar. Por isso o bom ensino nunca era para nós, só para quem seguia para a faculdade Agora tenho a hipótese de aprender essas matérias com pessoas que, ao contrário de mim conseguiram ir para os estudos superiores e serem professores”** desabafou na altura a aluna Conceição.

Em fotografia a toda a largura e meia página do jornal, reconhecem-se várias caras de alunos e professores.

O MIRANTE desta vez, privilegiou em reportagem separadas, com duas fotografias, três alunos que simultaneamente pertenceram à Associação de Alunos (AAUS).



(continua na pág..2)

(continuação da pag. 1)

“**Aprender até morrer**” era o título da reportagem com António Rodrigues aluno de Direito, História Universal e Sociologia. Antigo técnico de manutenção e controlo aeronáutico, na altura com 71 anos, dizia que na universidade sénior, “há de tudo”. Entrou para a universidade em 2004 e não frequentava mais disciplinas por falta de tempo. “Estamos sempre a aprender até morrer” e em vez de andarmos nos cafés mais vale estar aqui e manter a nossa mente ativa e desenvolvida” concluía.

Mais abaixo o entrevistado era Emílio Duarte e o título da reportagem “**A importância de não ficar em casa**”. Este aluno na altura com 56 anos, e frequentando a universidade há quatro, referia que era útil e representava muito “não ficar parado em casa o que na nossa idade é muito importante”.

Por último, com o título “**As histórias de vida**”, António José, há data com 63 anos, nasceu no Palácio onde hoje decorrem as aulas da Universidade Sénior.

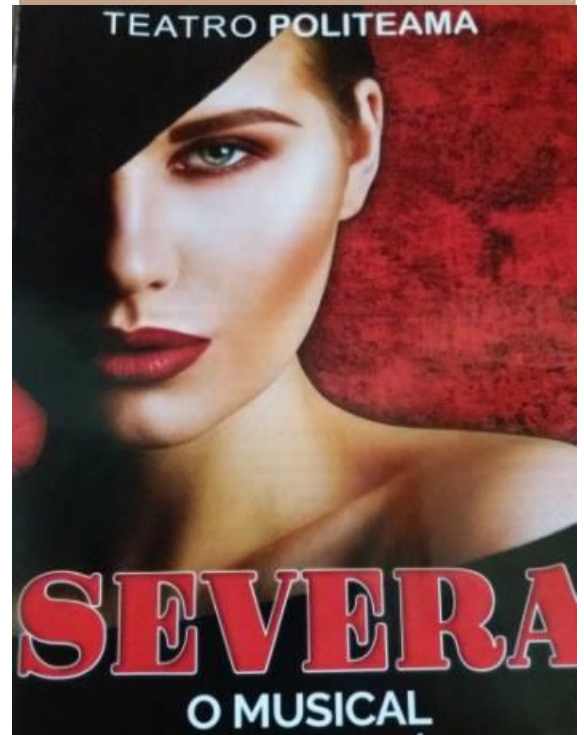
Estudou e fez-se engenheiro. -“É muito interessante, até porque temos pessoas oriundas de várias classes e quadrantes profissionais. Não é só o aspeto de interiorizar a matéria, é trocar experiências e vivências com os outros colegas”.

E revendo a história universal:

“Descobrir os pormenores das grandes civilizações é muito bom”, dizia António José enquanto revelava as suas favoritas ao jornal: Egípcia e Grega. E já passaram (quase) dez anos!

Emílio Duarte

## MAIS UMA IDA AO TEATRO



Os Órgãos Sociais da AAUS eleitos para o biénio 2019/2021 iniciaram a sua atividade sócio/cultural com uma ida ao Teatro Politeama para assistir ao musical SEVERA.

Fomos acompanhados pelo colega António Ramalho que nos deu as boas vindas desejando ao mesmo tempo que desfrutássemos, convivêssemos, trocássemos experiências e saberes para sermos ainda mais felizes! Chegados ao destino ainda faltavam quase quarenta e cinco minutos para o início do espectáculo, os mais gulosos foram a correr para a fábrica dos pastéis da nata comer o respetivo pastel ou mais..., e beber um cafezinho!

Falar da SEVERA, talvez não seja eu a pessoa mais indicada para falar dela e por isso, o que posso dizer é que valeu a pena ir ver.

O musical leva-nos ao século XIX em que segundo se diz ter sido a Severa a grande fadista que ficou na história como a primeira mulher cantadeira do fado.

O musical fala-nos do amor e paixão que houve entre ela e o Conde de Vimioso além da paixão que havia dum sem-abrigo, a Custódia, Ex sacristão, daí a alcunha, para com a Severa, embora do lado dela essa paixão nunca fosse correspondida apesar de gostar muito dele e o proteger.

Depois as esperas dos touros, as guerras entre liberais e absolutistas e o nome da Mouraria tantas vezes ali falado.

Entre as várias cenas há uma que me deixou muito sensibilizado: A que se passou entre o Gabriel e a Malhada, aquela voz do rapaz negro jamais esquecerei.

Em síntese e para terminar quero dizer que foi um espetáculo cheio de glamour e emocionante desde o princípio até ao fim e, então quando aparece a Anabela na personagem da Severa com aquele vozeirão a cantar o fado “A Rua do Capelão” e a lembrar o Conde de Vimioso, não dá para esquecer!

Por fim quero agradecer ao colega Casimiro pela excelente ideia que teve em escolher este musical para final do seu mandato presenteando aqueles que foram ao Politeama com um bom espetáculo.

Gilberto Paiva

## VENEZUELA



Localiza-se no noroeste da América do Sul, e faz fronteira com a Colômbia, Brasil e a Guiana. A Venezuela tem um território, cuja área é 10 vezes a de Portugal. A sua população é de cerca de 32 milhões de habitantes.

Vivi cinco anos e meio neste país de que tão gratas recordações, guardo. O país funcionava, havia dinheiro a circular, o petróleo tinha sido nacionalizado poucos anos antes, correram com os “gringos”, importava-se tudo de todo o mundo.

O bolívar, unidade monetária, mantinha paridade fixa de 5,30 por dólar, desde a queda de Pérez Jiménez, em 1958.

Em maio de 1983, começaram os problemas com a desvalorização, por ter sido atingida a data de começarem a pagar os muitíssimos empréstimos, que foram contraindo a tudo o que era instituição financeira mundial.

A desvalorização foi galopante, ao ponto de terem que criar outra moeda; o Bolívar Fuerte.

Esta nova moeda também não teve sucesso, a inflação foi tão grande que tiveram de eliminar CINCO zeros ao Bolívar Fuerte.

Em agosto de 2018 voltaram a mexer na moeda, e criaram o Bolívar Soberano.

Hoje março de 2019, ninguém sabe a paridade desta moeda, porque a inflação de galopante que é, os comerciantes, - os que conseguem ter algo para vender - atualizam, (aumentam) diariamente os preços dos produtos.

Não há conhecimento de que algum país no mundo atual, ter uma inflação como a que ocorre na Venezuela, e que se prevê este ano seja de UM MILHÃO por cento. Há carência de tudo.....há gente a passar fome.

Um país tão rico em petróleo e com seis refinarias, tem dificuldade em garantir o abastecimento de gasolina aos seus cidadãos.

No final da década de setenta, a Siderurgia Nacional Sidor, foi modernizada e a sua capacidade de produção, aumentada de um milhão de toneladas /ano, para cinco milhões.

Hoje importam aço, querem maior demonstração de incompetência?

A central hidroelétrica de El Guri tem 10 grupos de produção, não é feita manutenção, claro que os problemas surgem....

Os políticos têm-se preocupado em controlar os venezuelanos; além do Cartão de Cidadão, normal em qualquer país, criaram outro cartão, mais sofisticado, chamado Carnet de la Pátria, que inclui um código QR, onde controlam toda a vida dos seus cidadãos, inclusive o fornecimento de bens de primeira necessidade. E quem não aderiu a esse cartão, é marginalizado.

A vida na Venezuela atualmente, não tem nada de semelhante com os tempos que lá vivi. Os políticos transformaram um país com tanta riqueza natural, em país de carências de toda a ordem. Tem as maiores reservas mundiais de petróleo. Em 1980 estimava-se, que ao nível de consumo da época, as reservas só na faixa do Orinoco, que é de petróleo pesado, com uma área igual aos nossos dois Alentejos, duravam para cem anos. O país tem reservas de petróleo em vários estados, dos quais sobressai a bacia do lago de Maracaíbo. O gás natural também é outra das riquezas deste país.

Tem uma montanha, em que o ferro é extraído a céu aberto, há bauxite, ouro, diamantes, manganés, tungstênio, crómio e mais recente descobriu-se coltan...(um mineral chamado de “ouro azul”, composto por **columbita** e **tantalita** que se usa para componentes de microeletrónica, telecomunicações e na indústria aeroespacial.)



(continua na pag. 4)

(continuação pag. 3)

São muitos os motivos que fazem a Venezuela ser tão rica turisticamente. O país guarda tesouros naturais que são de dar inveja a qualquer outro país. Praias paradisíacas, ilhas com águas cristalinas, montanhas incríveis e uma cultura diferenciada de tudo que já se viu, é assim a Venezuela

A Venezuela oferece opções turísticas, que agradam a todos os gostos. Claramente, o destaque maior sempre fica para as praias venezuelanas de tirar o fôlego, mas para quem se quer aventurar em um passeio diferente, conhecer os Andes pode ser uma escolha. Também é digno de ser visitado, nas imediações da cidade de Mérida, o mais alto teleférico do mundo, de acesso ao Pico Bolívar com altitude

de 4.981 metros, é o segundo mais longo do mundo com um percurso de 12,5 km. O salto Angel no Parque Nacional de Canaima, Estado Bolívar, descoberto em 1937 é a cachoeira mais alta do mundo, com 979 metros. Há muita beleza natural que resiste à incompetência dos políticos.

Pobre povo, merecia melhor!

*Manuel Roma*

## Mouriscas, terra de Esparteiros



A indústria deste fabrico, chama-se **espartaria**.

Esta indústria, no passado, só utilizava um produto chamado **esparto**, que é extraído de uma gramínea cultivada no noroeste da África e no sul da Península Ibérica.

### A espartaria em Mouriscas

O **esparto**, é uma matéria-prima, tipo palha rija, que cresce, espontaneamente, em especial na zona de Paderne, Algarve, mas também no sul de Espanha e norte de África, de onde vinha para Mouriscas.

Os “**Esparteiros**”, eram homens ou mulheres que, manualmente, faziam seiras e capachos em esparto, para lagares de azeite, bem como tapetes, passadeiras e carpetes.

Este tipo de indústria (manual), foi implementada em **Mouriscas**, Abrantes.

Tudo começou com Manoel Marques. Ainda no século XIX (1884) este Mourisquense dedicou-se ao fabrico de seiras e capachos para lagares de azeite.

Manoel Marques passou a ser conhecido e tratado por “**Mestre Esparteiro**”.

Esta alcunha, passados anos integrou o próprio nome, passando a chamar-se **Manoel Marques Esparteiro**.

Na freguesia de Mouriscas existiram mais de 20 fábricas/espartarias em laboração, para além dos particulares que trabalhavam em casa, até à época de 1960.

Em 1956, havia **21 Esparteiros** em Mouriscas:

**Martinho Mendes**, meu avô materno, também tinha uma espartaria.

Lembro-me perfeitamente da fábrica, a minha mãe e as minhas tias trabalharam nela. Seriam cerca de 20 as trabalhadoras.

Por sua morte a minha mãe herdou a fábrica. Devido à ressecação e ao aparecimento de novas tecnologias, o meu pai acabou por fechar a fábrica.

O **esparto** começou a ser substituído por **cairo**, este vindo da Índia, de onde ainda hoje vem.

De **esparto** eram também feitos **tapetes, passadeiras, carpetes, cestas e seirões** para transporte nos animais de carga



Cesto para transporte de cargas sobre animais.

(continua na pag. 5)

(continuação da pag.4)

Os últimos esparteiros trabalharam em Mouriscas por volta da década de 70. A partir daí os industriais referidos dedicaram-se exclusivamente ao fabrico das mesmas peças, em cairo, em formas de madeira.

Com a revolução industrial e com as novas normas para o fabrico do azeite as seiras e capachos artesanais, passaram a ser menos procuradas e foram sendo substituídas por

mecanizadas e já com mistura de outras matérias-primas, como a rafia de nylon.



Em Mouriscas, terra de esparteiros e dos industriais do cairo, ainda hoje se podem



fazer por encomenda quaisquer das peças referidas, seiras, capachos, tapetes e passadeiras em cairo, do tipo

mecanizado, na única fábrica, a Sifameca, funcionando como cooperativa, cujos sócios são, na sua maioria, herdeiros das oficinas outrora existentes. A mesma fábrica continua a laborar diariamente, com meia dúzia de trabalhadoras, na esperança que as novas tecnologias não venham a substituir, completamente, aquele tipo de objetos para o fabrico do azeite

Maria Gracieta Mendes Pedra Varanda Gaspar

## AGENDA DE MAIO

- ❖ **8 de Abril a 22 de Abril – Férias da Páscoa**
- ❖ **18 de Maio – 12º Aniversário da AAUS**
- ❖ **Os Órgãos da AAUS desejam a Todos uma Feliz Páscoa**



### CORPO EDITORIAL

Diretor: Paulo Cabrito  
**CORPO REDATORIAL E COORDENAÇÃO:**  
 António Ramalho  
 Gilberto de Paiva  
 Luís Moura

### COLABORAÇÃO

Emílio Duarte  
 Gilberto Paiva  
 Manuel Roma  
 Maria Gracieta Gaspar

### AAUS

Telef.: 21 953 30 50  
 Palácio da Quinta da Piedade  
 2625-201 PÓVOA DE S. IRIA  
 Email: [aaus@aausvfxira.pt](mailto:aaus@aausvfxira.pt)  
 Site: [www.aausvfxira.pt](http://www.aausvfxira.pt)



